



©Rogan Coles/Getty Images

## «Já quase pareço um escritor»

*O fotógrafo libanês Rawi Hage venceu o maior prémio literário do mundo com o seu romance de estreia, Como a Raiva ao Vento, que acaba de ser editado pela Civilização. «Senti um pouco de medo», diz.*

Rawi Hage nasceu em Beirute, em 1964, numa família cristã maronita. Viveu a juventude durante a guerra no Líbano. Depois de uma breve estada em Chipre com a família, emigrou para Nova Iorque, cidade onde trabalhou, estudou fotografia e aprendeu inglês, língua em que agora escreve romances (fala também árabe e francês). Mudou-se depois para Montreal, no Canadá, onde vive. O seu primeiro romance *De Niro's Game* (*Como a Raiva ao Vento*, na versão portuguesa) ganhou em Junho o IMPAC Dublin Award, o maior prémio literário, em todo o mundo, atribuído a uma obra (100 mil euros). Na corrida estavam nomes como Paul Auster, Philip Roth, Cormac McCarthy, John Updike, Alessandro Baricco, Martin Amis, Margaret Atwood e Thomas Pynchon. Entrevista feita em sucessivas trocas de *e-mail*.

**É um fotógrafo de sucesso e foi curador de várias exposições no domínio das artes visuais. Como é que lhe aconteceu começar a escrever um romance?**

Numa das exposições em que participei no Canadian Museum of Civilization, em Montreal, fui incumbido pela curadora de escrever para o catálogo da exposição uma espécie de «diário de bordo» das minhas fotografias – onde foram tiradas, em que situação, coisas do género – e escrevi textos em que tudo era mais ou menos ficcionado. Um dia, ela pegou-me na mão e disse-me: «Tu deverias escrever.» E eu fi-lo.

**A ficção é algo de que sente falta quando fotografa (ou quando prepara as fotografias)? A actividade de escritor complementa a de fotógrafo?**

Por um lado, comecei a sentir limitações enquanto fotografava. Comecei a sentir que lidava com um meio de trabalho algo silencioso. Preciso de explorar um caminho que me deixe contar, narrar, um meio que me permita expandir a criatividade; e é neste ponto que eu acho que o facto de escrever tem vantagens sobre o acto de fotografar. A fotografia deixa mais espaço para a interpretação, mas ao mesmo tempo acho que perde o lirismo. Susan Sontag, a crítica americana, escritora e ensaísta, fala das fotografias como se fossem uma mera máxima, um provérbio. Muitas vezes, quando começo a descrever uma cena, tenho que me situar mentalmente no meio dela.

**Como um fotógrafo...**

Sim, isto acontece como se fosse um fotógrafo com a câmara, há uma proximidade necessária que tem que ser estabelecida para observar e escolher o momento para o clique. E essa noção de proximidade aparece muitas vezes na minha escrita, mais do que nas minhas fotografias. Como fotógrafo não posso estar onde quero; como escritor posso. Há, de facto, uma diferença clara entre ser um observador, um coleccionador de imagens e um contador de histórias.

**Como a *Raiva ao Vento* é o seu primeiro romance. Tentou antes escrever pura ficção (à parte o tal «diário de bordo» das fotografias para a exposição)?**

Sim, eu escrevi muitos e muitos contos para o lixo. Este romance começou por ser um conto que não queria ter fim e acabei por lhe fazer a vontade. Continuei até sentir que tinha acabado.

**Como é que o IMPAC Dublin Literary Award mudou a sua vida profissional?**

Neste momento tenho muitos projectos, muitas propostas para escrever coisas, muitos convites para participar em encontros literários. Já quase pareço um escritor. Mas uma parte de mim sente fortemente a falta de fotografar, a falta do trabalho à volta das fotografias.

**Sente-se mais um fotógrafo ou um escritor?**

Eu trabalho na área da criação e da criatividade. Não consigo colocar essa questão a mim mesmo, por agora. Não ficaria surpreendido se uma qualquer espécie de rotatividade, alternando entre as duas áreas, um dia acabasse por surgir.

**Sei que escreveu um outro romance logo após *Como a Raiva ao Vento*. O cenário é também Beirute?**

Não, a história de *Cockroach* [a publicar no *Outono pela Anansi Press*] tem lugar em Montreal. É sobre doenças (ou distúrbios) mentais, organizações religiosas e imigração.

**Enquanto viveu em Beirute pensou alguma vez usar as suas experiências durante a guerra para escrever alguma coisa?**

Não, de maneira alguma. Sempre fui um mau estudante, mas um bom leitor (talvez por influência do meu pai, que tinha muitos livros). Mas vir um dia a ser um escritor nunca me passou pela cabeça.

**Como a *Raiva ao Vento* tem muito de autobiográfico? Ou trata-se apenas de histórias e de factos que ouviu contar?**

Eu vivi durante nove anos no coração da guerra do Líbano. Não é, claro, autobiográfico. Como todos os romances, mergulha no real e depois vem ao de cima vestido com imaginação e poesia.

**No romance, o personagem principal, Bassam, parece ter alguns problemas de identidade. Ele é um cristão [de uma minoria dentro da minoria, pois a mãe é libanesa de origem arménia e o pai é um árabe-cristão libanês] num país em que a maioria dos habitantes é muçulmana e a cultura é islâmica. Como criança nascida numa comunidade cristã [maronita], também sentiu isto de um modo muito forte?**

Sim, e não apenas por ter pertencido a uma minoria religiosa e étnica, mas também porque frequentei o sistema educativo ocidental. Estudei em escolas católicas, com padres jesuítas, e a matéria que aprendíamos nos livros era importada de

França. Essa é a razão porque situei a última parte do romance em Paris. Queria referir de maneira notória a história entre esta comunidade particular e França.

**Teve amigos muçulmanos? Lembra-me de que no romance um dos personagens diz: «Eu nunca conheci um muçulmano.» Isto pode parecer um pouco estranho para um ocidental quando nos estamos a referir a alguém do Médio Oriente...**

Antes da guerra acho que conheci muçulmanos numa escola que frequentei. Mas quando o conflito começou, em 1975, todos os muçulmanos deixaram as áreas cristãs de Beirute. A cidade passou a

Sou secular. Não vejo que ajuda possa vir de doutrinas religiosas que começam por se reclamar detentoras da «verdade absoluta». Esses deuses são arrogantes, patriarcais e descomprometidos.

estar dividida, como Berlim, mas sem um muro. Postos de controlo, sacos de areia e *snipers* relembravam-nos onde eram as nossas fronteiras. Os meus «primeiros» muçulmanos encontrei-os mais tarde em Chipre, onde estive com a minha família durante algum tempo por causa da guerra.

**É religioso?**

Não. Sou secular. Não vejo que ajuda possa vir de doutrinas religiosas que começam por se reclamar detentoras da «verdade absoluta». Esses deuses, no fim, são arrogantes, patriarcais e descomprometidos. Defendo o progresso, o humanismo, as leis igualitárias.

**Quando foi para Nova Iorque mudou a sua perspectiva sobre a guerra no Líbano?**

Sim. Isso aconteceu. O Líbano sempre foi (e continua a ser) vítima de um sectarismo tacanho e de constantes interferências internacionais na vida política dos libaneses.

**Em que medida é que Nova Iorque mudou a sua maneira de pensar?**

Por um lado, foi mais pesado viver em Nova Iorque do que no Líbano em guerra. Tive que lutar muito. Pela primeira vez senti o racismo e o que é ter problemas económicos. Acho que esses dois factores empurraram os meus pontos de vista para a esquerda. Mas durante esse tempo também li muito sobre o mundo e consegui formular algumas conclusões políticas. Em Nova Iorque experimentei aquilo que se chama um «choque cultural».

**A guerra foi a única razão que o fez deixar o Líbano?**

Só queria escapar da guerra. Estava cansado. Fugir da guerra era o meu único sonho.

**Mas quando as coisas não eram fáceis em Nova Iorque, chegou a arrepender-se de ter deixado o Líbano?**

Nunca, porque no Líbano as coisas também não eram fáceis. Voltar para trás nunca foi uma opção. Tinha que continuar em Nova Iorque, refazer lá a minha vida.

**Visitou Beirute depois disso?**

Duas vezes. Primeiro em 1996 e depois em 1998. Mais nada.

**Mais nada, o quê?**

Não falo sobre isso.

**Beirute, Nova Iorque, Montreal. Onde é a sua casa?**

Espero que possa ter muitas casas. Uma pessoa deveria poder ter muitas pátrias.

**Porquê?**

Eu sou um cidadão do mundo.

**O que é que sentiu no momento em que soube que tinha ganhado o IMPAC Dublin Literary Award?**

Senti uma mistura de imensa alegria e um pouco de medo.

**Quais foram as suas influências literárias?**

Em criança tive que memorizar muita poesia árabe. E, obviamente, estudei também muita literatura francesa, desde o Molière ao Victor Hugo, claro que o Camus... Mais tarde tive um período em que li o cânone russo. E li também os suspeitos do costume da literatura americana, Hemingway, Faulkner e Langston Hughes. Mais tarde descobri o português António Lobo Antunes. Que acho fantástico! Simplesmente fantástico! ■ José Riço Direitinho

*Crítica do livro Como a Raiva ao Vento, pág. 68*